



SEÇÃO TEMÁTICA



Sentidos atribuídos ao *outness* e *coming out* de jovens bissexuais

Rafael De Tilio, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba/Brasil*

Maria Clara Zanon Murarolli, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba/Brasil*

Resumo. Bissexualidade é uma orientação sexual que designa pessoas que sentem atração emocional, afetiva ou sexual em relação a mais de um gênero. Pessoas bissexuais encaram discriminações e violências assim como outras orientações sexuais que fogem da heteronormatividade e do monossexismo. O objetivo deste estudo foi compreender os sentidos e as consequências do *outness* e do *coming out* de jovens bissexuais. Foram entrevistadas oito pessoas entre janeiro e junho de 2023 cujos resultados foram organizados em quatro eixos temáticos: o termo; a descoberta e a rede de apoio; a liberdade; os estereótipos. Os principais resultados destacaram aspectos positivos vivenciados por bissexuais (sensação de liberdade pessoal e nas relações interpessoais) e sofrimentos (invisibilidade, estereótipos de fase, confusão e descredibilidade). Em relação ao processo de descoberta, destaca-se que os participantes estavam em contextos universitários, espaço que permite ampliação das redes de amigos que podem oferecer suporte nesse processo, ao mesmo tempo que ocorre certo distanciamento da família de origem. Ressalta-se a importância de mais estudos no campo da psicologia social voltados a essa temática.

PALAVRAS-CHAVE: Bissexualidade. *Outness*. *Coming out*. Jovens.

Introdução

Para Cardoso (2008) o conceito de orientação sexual varia conforme diferentes áreas e autores, mas no geral está relacionado à atração emocional, afetiva ou sexual de uma pessoa para outros sujeitos que podem ser de gênero diferente (heterossexualidade), do mesmo gênero (homossexualidade), de mais de um gênero (pansexualidade ou bissexualidade), ou mesmo a ausência perene ou infrequente da atração sexual por nenhum sexo/gênero (assexualidade). No caso dos sujeitos que se atraem por mais de um gênero está incluída a orientação bissexual, termo que atualmente se refere à “pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros” (SALDANHA, 2024).

Os termos bissexual e bissexualidade, apesar de presentes em diversas culturas como na antiguidade grega, romana, japonesa e em alguns povos indígenas (JAEGER et al., 2019), adquiriram diferentes sentidos em momentos e contextos históricos. Resumidamente, eles ingressaram na terminologia do denominado campo científico a partir do século XIX em oposição à monossexualidade¹ (considerado pelas ciências médicas e jurídicas como o regime normal e saudável da sexualidade) e, assim, semanticamente esses termos foram aproximados da anormalidade do desejo e da identidade sexual (CALMON, 2023; SALDANHA, 2024). Como argumentam Saldanha, Monaco e Cruz (2022), inicialmente a expressão bissexualidade foi utilizada para designar o compartilhamento num mesmo corpo de aspectos biológicos e anatômicos de homens ou de mulheres – e daí a confusão com a intersexualidade; depois, foi utilizada para se referir aos elementos psicológicos da masculinidade e da feminilidade presentes em maior ou menor grau em todos os seres humanos (conforme enfatizou a tradição psicanalítica); por fim, mais recentemente, passou a ser utilizada como uma das possibilidades de designação de uma orientação sexual específica. Para estes autores, independentemente da sua conceitualização, a bissexualidade deve ser compreendida como uma relação de poder que retira ou fornece visibilidade às demandas destes sujeitos.

¹ De forma muito sintética esta expressão significa a atração romântica ou sexual por pessoas de apenas um sexo/gênero (heterossexualidade e homossexualidade) em contraste com a atração por múltiplos sexos/gêneros (bissexualidade e pansexualidade).

Mesmo que nesta trajetória a bissexualidade tenha sido debatida por importantes autoras e autores da sexualidade humana, ela quase sempre foi preterida quando comparada com outras identidades e orientações heterodissidentes, tais como a homossexualidade masculina e a feminina (GOOß, 2008; MONACO; SALDANHA, KLIDZIO, 2024). Não raro, a bissexualidade foi equivocadamente compreendida como uma etapa transitória (um momento de confusão) até sua resolução final na homossexualidade, o que apenas reforçava o caráter monossexual do dispositivo da sexualidade moderno mas que não condizia com as reais experiências e vivências destes sujeitos (SALDANHA, 2024). Em outras palavras, segundo Calmon (2023), parcela significativa dos bissexuais não se identificava com as oposições binárias propostas pela heterossexualidade compulsória (enquadramento das orientações sexuais e de gênero em um padrão heterossexual – SOUZA E PEREIRA, 2013) e pelo monossexismo (regime que preconiza como normais as pessoas que sentem atração sexual e afetiva por apenas um sexo/gênero, como a heterossexualidade, homossexualidades e lesbianidades – JAEGER et al., 2019).

O tema da bissexualidade ganhou progressivo destaque no cenário político e científico a partir do final dos anos 1970 nos EUA (no contexto das discussões sobre a síndrome da doença imune adquirida que voltou a atenção para pessoas bissexuais como possível grupo de risco²) e nas duas últimas décadas no Brasil (com o recrudescimento dos conservadorismos e dos tradicionalismos da moral sexual), forçando o reposicionamento quanto à compreensão destas subjetividades e suas comunidades de adesão, das suas demandas e das suas estratégias (SALDANHA, 2024).

Assim como outras orientações sexuais que escapam da heteronormatividade, a bissexualidade também sofre discriminações e violências. Visando o reconhecimento dos seus direitos e das suas demandas, os coletivos monodissidentes (bissexuais, pansexuais e assexuais) formados a partir dos anos 2000 lutam dentre outras pautas pela efetivação do termo bifobia para se referir às discriminações que lhes são impingidas, desafiando a heteronormatividade e a monossexualidade (SALDANHA; MONACO; CRUZ, 2022).

² Termo pejorativo que estigmatiza alguns grupos sociais, posteriormente substituído por “comportamentos de risco” que é considerado mais correto.

Dessa maneira, a ênfase discursiva e investigativa nos heterossexuais e nos homossexuais contribui para a invisibilização e deslegitimação dos monodissidentes, incluindo os bissexuais (CALMON, 2023). Isso significa que por sua própria existência os bissexuais desafiam a polarização monossexual e o dispositivo da sexualidade, tornando seus questionamentos e mobilizações políticas fontes de constantes discórdias (CAVALCANTI, 2007).

Por outro lado e ao mesmo tempo, estudos sobre as orientações sexuais monodissidentes ganham cada vez mais espaço e legitimidade (MONACO; SALDANHA; KLIDZIO, 2024). Segundo Cavalcanti (2007), isso pode ser explicado pela constante modificação dos valores da sociedade, principalmente como os jovens atualmente estabelecem suas relações afetivas e sexuais, isto é, com maior liberdade sexual quando comparada às gerações e épocas precedentes permitindo questionar os tradicionalismos. Isso pode ser denominado de “sexualidade plástica” para se referir a uma sexualidade que a partir da década de 1950 se distanciou da sexualidade com propósito reprodutivo e que passou a enfatizar o prazer. Segundo a autora, essas mudanças permitiram alterações discursivas e práticas da sexualidade que até então eram consideradas desviantes ou anormais (CAVALCANTI, 2007).

É de grande importância o reconhecimento dessas alterações. No entanto, o discurso bifóbico não é sustentado somente pelas tentativas de regulamentação da sexualidade em termos monossexuais, pois ele também é influenciado pelas estruturas de dominação tal como compreendidas por Bourdieu (2012). Segundo o autor, tais estruturas (que reforçam a masculinidade como dominante em relação à feminilidade) resultam de um trabalho incessante de agentes específicos (tais como as instituições famílias, Igreja, Escola e Estado etc.) com o emprego das violências física e simbólica (BOURDIEU, 2012). Dessa maneira, sujeitos bissexuais são interpelados por essa estrutura que provoca consequências para ambos os sexos e gêneros; nesse contexto, as principais repercussões são a supererotização da bissexualidade feminina (que pode desencadear situações de assédio e violência sexual) e a estigmatização da bissexualidade masculina (uma vez que questiona a virilidade) (JAEGER et al., 2019).

Apesar dos avanços nas discussões relacionadas à sexualidade de sujeitos monodissidentes é perceptível a necessidade de mais estudos

sobre a bissexualidade, tanto no âmbito acadêmico quanto no político (CAVALCANTI, 2007; MONACO, SALDANHA; KLIDZIO, 2024; SALDANHA; MONACO; CRUZ, 2022). O relativo apagamento da bissexualidade pode ser observado até mesmo na psicologia, já que ao contrário das homossexualidades que foram explicitamente abordadas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) desde a década de 1980 como pauta importante a ser desestigmatizada, a bissexualidade apareceu apenas recentemente na regulamentação do CFP (CONSELHO..., 2022). Faz-se necessário, desse modo, ampliar as investigações voltadas às pessoas com essa orientação sexual.

Essa investigação pretende compreender os impactos que as situações referenciadas acima provocam em relação tanto ao *outness* (assumir a orientação sexual para si mesmo – NASCIMENTO, 2018) quanto ao *coming out* (processo de revelação pública dessa orientação, comumente chamando de “sair do armário” – NASCIMENTO, 2018) de jovens que se autodesignam bissexuais. Cabe ressaltar que os termos *outness* e *coming out* foram originalmente utilizados nos estudos das homossexualidades, mas serão empregados nesta investigação no contexto da bissexualidade. A partir do exposto, o objetivo do presente estudo foi compreender os sentidos e as consequências do *outness* e do *coming out* de jovens bissexuais.

Aspectos metodológicos

Tipo de estudo

Esta é uma pesquisa exploratória e qualitativa na área da psicologia social que intenciona compreender um fenômeno como parte de um contexto (GODOY, 1995; PIOVESAN; TEMPORINI, 1995).

Participantes

Os participantes deste estudo são jovens autoidentificados como bissexuais. Para a composição da amostra foi adotado o critério de saturação dos dados, isto é, ocorreu a suspensão da inclusão de novos participantes e a realização de novas entrevistas a partir do momento em que, na avaliação dos pesquisadores, as informações apresentaram excessiva repetição ou redundância (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

O recrutamento foi realizado concomitantemente por meio de duas redes sociais – *Instagram* e *Whatsapp*. Pelo *Instagram* o contato foi estabelecido via postagens de conteúdos em *Stories* e depois no *Feed*³ dos perfis pessoais dos pesquisadores e do perfil do laboratório de pesquisa ao qual estavam vinculados. Estes perfis estavam na modalidade pública de visualização, permitindo que qualquer usuário do *Instagram* e não apenas os seguidores destas contas pudessem visualizar as postagens que continham a explicação da pesquisa e solicitavam aos interessados que respondiam aos critérios de inclusão (ser universitário e reconhecer-se como bissexual) que entrassem em contato com os pesquisadores. Nessa rede social, onze pessoas estabeleceram contato manifestando disponibilidade e fornecendo os dados iniciais para que a entrevista fosse marcada. Já na segunda rede social citada, o contato foi estabelecido diretamente com pessoas que já haviam manifestado interesse em participar da investigação durante a construção do projeto de pesquisa a partir de contatos com os pesquisadores, totalizando quatro pessoas. Neste sentido, trata-se de uma amostra de conveniência composta por pessoas que já possuíam algum tipo de contato com os pesquisadores devido aos temas vinculados nas suas redes sociais, todavia, ser possuir relações de proximidade afetiva ou pessoal.

Decidiu-se pela realização de oito entrevistas a fim de averiguar a ocorrência da saturação dos dados, priorizando a ordem de manifestação dos interessados, sendo explicado aos demais interessados que ficariam em uma “lista de espera” e seriam chamados de acordo com necessidade da pesquisa. Todos os que ofereceram disponibilidade inicial aceitaram participar do estudo, totalizando oito participantes, sendo quatro mulheres autodeclaradas bissexuais e quatro homens autodeclarados bissexuais.

Instrumento e procedimentos de coleta de dados

A pesquisa utilizou a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta dos dados, cujo roteiro de questões continha perguntas sobre o processo de identificação (como foi o autorreconhecimento e o reconhecimento social da bissexualidade; se houve dificuldades neste

³ *Stories* do *Instagram* são publicações temporárias que ficam visíveis por 24 horas no perfil do usuário. Após este período de tempo elas podem ser programadas para serem publicadas de maneira permanente (*Feed*) no perfil do proprietário da conta.

processo; se existiu e como era a rede de apoio etc.) e sobre as práticas da bissexualidade (como era a vivência da bissexualidade; quais foram/eram as dificuldades enfrentadas e quais foram/eram os aspectos positivos relacionados à bissexualidade etc.).

As entrevistas foram realizadas entre janeiro e julho de 2023 de maneira *online* através da plataforma *Google Meet*, sendo o *link* de acesso enviado através do *Whatsapp* dos participantes. Logo no início da sessão, a entrevistadora (primeira coautora deste artigo) leu o termo de consentimento livre e esclarecido registrando por vídeo gravação o assentimento do participante. Foram realizadas as transcrições de todas as entrevistas em documentos de texto com auxílio do *Whisper* (ferramenta computacional de transcrição automática de arquivos de áudio para texto). Posteriormente, cada transcrição foi revista e corrigida pelos pesquisadores. Os nomes dos participantes foram substituídos por pseudônimos com o objetivo de preservar suas identidades.

Procedimentos de análise dos dados

A análise foi realizada segundo a estratégia de análise de conteúdo temática. Segundo Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014) esse tipo de análise possui três etapas: pré-análise (leitura e sistematização do conteúdo) e exploração do material, codificação (organização com base na similaridade dos conteúdos) e tratamento dos dados/interpretação.

Disposições éticas

O projeto que deu origem ao artigo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de origem dos pesquisadores. O termo de consentimento livre e esclarecido continha todas as informações em relação à participação na pesquisa. Mesmo não havendo nenhum risco evidente os conteúdos das entrevistas poderiam mobilizar algum tipo de desconforto psicológico que, caso ocorresse, ocasionaria a critério do participante a interrupção momentânea ou terminativa a entrevista— fato que não ocorreu nenhuma das entrevistas. Para a preservação do sigilo das identidades os nomes dos participantes foram substituídos por nomes fictícios.

Como benefício da participação, destaca-se a potencial contribuição da entrevista para ressignificar as vivências dos

participantes como pessoas bissexuais, além de visibilizar temas relevantes para a comunidade bissexual.

Resultados e discussão

Foram entrevistadas oito pessoas, quatro mulheres autodeclaradas bissexuais e quatro homens autodeclarados bissexuais. A caracterização dos participantes consta na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes

Nome	Idade	Sexo	Gênero	Raça/Etnia
Biana	26 anos	Feminino	Mulher Cis	Branca
Bia	27 anos	Feminino	Mulher Cis	Parda
Bianca	26 anos	Feminino	Mulher Cis	Branca
Bibi	25 anos	Feminino	Mulher Cis	Branca
Bil	21 anos	Masculino	Homem Cis	Preta
Bitó	27 anos	Masculino	Homem Cis	Branca
Billy	23 anos	Masculino	Homem Cis	Branca
Da	22 anos	Masculino	Homem Cis	Preta

Fonte: Elaborado pelos autores

As respostas dos participantes tanto em relação ao processo de identificação quanto ao assumir-se bissexual perpassam por diferentes níveis de complexidade, refletindo a subjetividade dos sujeitos e, ainda, a bissexualidade como um processo contínuo de reflexão e de afirmação da identidade. Ao longo das entrevistas foi possível considerar vivências dissidentes e coincidentes em relação à literatura recente sobre o tema. Com o objetivo de uma melhor compreensão dos resultados e a partir do método de análise de conteúdo temática, a apresentação e a discussão das informações foram divididas em quatro eixos temáticos: o primeiro eixo abordou a discussão sobre o termo bissexual por parte dos participantes; o segundo eixo discorreu sobre o momento de descoberta e sobre a rede de apoio; o terceiro eixo abordou a temática da liberdade das vivências bissexuais; por fim, o quarto eixo discorreu sobre os estereótipos enfrentados por estes sujeitos.

Categoria 1: o termo

A partir de Lucchesi (2018) e Calmon (2023) e com base nas respostas dos participantes, observou-se que o termo bissexual foi mobilizado nas entrevistas de maneira ampliada, funcionando como uma categoria guarda-chuva para abarcar sexualidades que não se enquadravam nas chamadas monossexualidades — isto é, a heterossexualidade e a homossexualidade. Nesse sentido, o termo bissexualidade apareceu menos como uma identidade rigidamente delimitada e mais como um marcador de não exclusividade do desejo, permitindo incluir experiências afetivo-sexuais direcionadas a mais de um gênero ao mesmo tempo ou em momentos diferentes.

Embora, do ponto de vista morfológico e etimológico o prefixo “bi” remeta a uma lógica binária, tal característica linguística não implica que a bissexualidade esteja necessariamente ancorada em apenas dois gêneros concebidos como fixos e estanques (CALMON, 2023). Ao contrário, as narrativas dos participantes evidenciaram que a bissexualidade pode operar como uma posição identitária fluida, capaz de tensionar o binarismo de gênero e de acolher experiências que dialogam com concepções ampliadas e não normativas de gênero e desejo. Neste sentido, Bia explicou que: “a minha bissexualidade, ela não... não é... ela é atribuída a mais de dois gêneros, né? Enfim, não... não necessariamente está envolvida a um gênero”.

De acordo com Klidzio e Siqueira (2022), embora a bissexualidade e a pansexualidade aparentem referir-se às sexualidades diferentes, elas possuem praticamente o mesmo sentido para os participantes. Bibi comentou:

Muita gente me pergunta a diferença de bissexualidade para pansexualidade. E aí, “ah, por que você não se considera pan?”, e aí eu fico... eu falo que é mais uma escolha pessoal de me considerar bi, porque eu acho que a bissexualidade também envolve pessoas não-binárias, pessoas trans, elas estão dentro dos gêneros. Para mim, é mais ou menos a mesma coisa. (Bibi)

Com relação a esse aspecto, Bil apresentou o significado do termo bissexual como uma dificuldade a ser enfrentada:

Sobre dificuldades na bissexualidade, eu acho que a gente pode falar de muita coisa, mas uma das coisas principais é a dificuldade do pessoal entender que bi não é sobre dois sexos. Então, sobre você se interessar necessariamente por homens e mulheres, mas eu vejo a bissexualidade como ‘eu me interessar por dois ou mais’. Então eu posso me interessar por homens cis ou trans, eu posso me interessar por mulheres cis ou trans, eu posso me interessar por não-binários, gêneros fluidos... e é isso. (Bil)

De acordo com Klidzio e Siqueira (2022) e Calmon (2023), o termo “bi” passou a ser compreendido como uma orientação sexual que ultrapassa a lógica binária tradicional, deixando de se restringir à ideia de uma preferência simultânea/sincrônica por homens e mulheres cisgêneros – em outras palavras, os bissexuais deveriam gostar *ao mesmo tempo* de homens e mulheres. Todavia, a bissexualidade passa a ser compreendida como uma experiência afetivo-sexual marcada pela possibilidade de atração por mais de um gênero (cisgênero e transgênero) e que não precisa ocorrer de forma constante, equivalente ou simultânea – em outras palavras, os bissexuais podem gostar de homens e de mulheres cis ou trans *em momentos diferentes*. Assim, essa orientação pode se manifestar de maneira alternada, variando conforme contextos, momentos da vida e relações específicas, sem que isso implique instabilidade identitária ou indecisão. Assim, a orientação bissexual é deslocada de uma concepção essencialista para uma compreensão mais dinâmica e relacional do desejo.

Essa leitura dialoga diretamente com as contribuições de Butler (2003) que problematiza o caráter naturalizado da binaridade ao questionar a suposta relação causal e estável entre sexo (tradicionalmente associado aos aspectos biológicos) e gênero (entendido como um conjunto de normas sociais, expectativas culturais e adequações comportamentais) que deveriam estar necessariamente alinhados a uma orientação heterossexual do desejo. Butler evidencia que a estrutura binária que sustenta essas categorias opera por meio de oposições rígidas, como homem/mulher e, por extensão, heterossexual/homossexual, produz a ilusão de identidades fixas.

Ainda para a autora, embora o sexo seja historicamente inscrito no campo do biológico (o que dificulta a ruptura com o binarismo homem/mulher), tanto o gênero quanto a orientação sexual devem ser

compreendidos como construções culturais e discursivas, produzidas e por meio de práticas sociais reiteradas. Nessa chave teórica, sexo, gênero e orientação sexual não preexistem aos sujeitos como essências, mas são continuamente constituídos na repetição de normas que podem, ao mesmo tempo, ser reiteradas ou subvertidas. Desse modo, não devem ser restringidos à apenas duas categorias opostas (homem/mulher; heterossexual/homossexual), nem concebidos como estáveis, naturais ou imutáveis, abrindo espaço para compreender a bissexualidade como uma experiência legítima que tensiona e desorganiza as fronteiras normativas do desejo.

Assim, as respostas anteriores dos participantes alinham-se aos argumentos de Calmon (2023) que argumenta que os termos bissexual e bissexualidade são polissêmicos, referindo-se a uma orientação afetivo-sexual direcionada às pessoas de diferentes identidades de gênero, sejam elas cis ou trans, em regimes binários ou não binários⁴. A utilização dos termos bissexual/bissexualidade por parte dos participantes aponta para a força das monodissidência como elementos estratégicos nas relações de poder.

Categoria 2: a “descoberta” e rede de apoio

Das oito pessoas entrevistadas, seis disseram que reconheceram ser bissexuais quando ingressaram no contexto da universidade. Um fato importante para compreender esse resultado é que seis participantes que afirmaram ter se “descoberto” bissexuais no contexto da universidade estudam em uma localidade diferente da sua cidade de origem.

Siqueira e Klidzio (2020) apontam que o movimento de saída da casa dos pais ou da cidade de origem concomitante ao desenvolvimento de novas relações com jovens de outras localidades são fatores importantes para o desenvolvimento da liberdade e da autonomia pessoal e sexual. Billy, em sua resposta explicitou sobre o impacto do contexto familiar e social no reconhecimento da própria identidade:

⁴ Em suma, há sujeitos bissexuais que sentem atração exclusiva por sujeitos ajustados ao regime socialmente estabelecido da binariedade de sexo/gênero, enquanto há outros bissexuais que rompem com essas normas.

Eu sempre soube que eu também gostava de homens, só que por estar em uma família e em uma sociedade onde isso é muito velado... isso foi uma coisa muito suprimida durante a minha vida inteira. Até que chegou o momento da minha faculdade onde eu tive esse momento em realmente poder pensar mais sobre o assunto. (Billy)

Siqueira e Klidzio (2020) consideram que o processo de construção das identidades é perpassado de maneira significativa pelo contexto universitário, uma vez que ele potencialmente é um ambiente de pensamentos menos discriminatórios e que promovem uma ampliação do círculo de amizades. Ademais, para essas autoras este ambiente na maioria das vezes permite desconstruir ideias tradicionalistas sobre sexualidade e gênero – principalmente as baseadas na heteronormatividade e na monossexualidade. Nesse sentido, Bianca ilustrou a importância da sua rede de amizades no processo de reconhecimento da identidade bissexual:

Eu comecei a entender isso eu já era mais velha, eu já não estava mais morando com a minha família, já estava em [cidade], estava em um espaço muito seguro pra poder entrar em contato com isso, né, tive todo o apoio de todo mundo que estava ao meu redor. (Bianca)

A partir do exposto, nota-se que uma rede de apoio bem estabelecida tende a auxiliar positivamente no desenvolvimento de recursos pessoais e sociais que impactam a saúde mental dos sujeitos, oferecendo suporte em momentos de necessidades de superação de crises (JULIANO; YUNES, 2014). Esse aspecto foi relatado pela maioria dos participantes durante as entrevistas, como na resposta de Bianca:

Sim... tive de rede de apoio de uma forma que me permitiu que esse processo fosse muito tranquilo, porque eram pessoas que... que compreendiam, que aceitavam, muitas vezes, é... pessoas que também, é... eram bissexuais, lésbicas, gays. Então eu tive também lugar e espaço pra pensar sobre isso junto com pessoas que também passavam pelo mesmo. (Bianca)

Nascimento (2018) também destaca a importância da rede de apoio dos amigos no reconhecimento da homossexualidade (mas que no contexto desta investigação pode ser estendido para a bissexualidade), considerando que o acolhimento pode não ser oferecido pela família de origem. Billy também disse que: “meus amigos da faculdade já sabiam sobre e aí eu também tinha um grande apoio deles, né? Porque existe muito mais um entendimento, uma aceitação dessas amizades, sabe?”; e também Bito relatou perceber os amigos como acolhedores quando falou: “eu acho que depois do meu entendimento, os meus amigos de [cidade] foram as pessoas que, tipo... Eu senti ser essa rede de apoio, sabe?”

Ainda nesse sentido, Bia expôs que, além do suporte pessoal, as amizades são importantes para o compartilhamento das angústias e dos medos e para a expressão da identidade sexual:

Eu morava com as minhas amigas e eu conseguia compartilhar com elas, né, os meus medos, as minhas angústias, enfim, o... aquilo que eu... tudo aquilo que eu sentia, né? Em relação a minha sexualidade, de poder expressar também, né, a minha sexualidade junto com elas. (Bia)

De acordo com Siqueira, Betts e Dell’Aglio (2006) o papel de suporte que os amigos desempenham auxilia na saúde mental do sujeito ao longo de seu desenvolvimento, principalmente durante a juventude e entrada na vida adulta. De acordo com as autoras, os “eventos estressantes vivenciados com o apoio emocional dos amigos capacitam o indivíduo a desenvolver estratégias mais adaptativas” (p.153), de maneira que essas relações auxiliam a diluir circunstâncias desfavoráveis.

Categoria 3: a liberdade

Lucchesi (2018) argumenta que o autoconhecimento é um processo sempre em curso e jamais esgotado, particularmente quando relacionado à sexualidade, entendido como uma experiência não fixa e em permanente construção. Neste sentido, Bil e Billy relataram durante as entrevistas que o processo de constante autoconhecimento provocado pelo *outness* na bissexualidade envolveu a autoafirmação e a sensação de liberdade na construção de identidade:

Entre pontos positivos, com certeza, autoconhecimento, de alguma forma. É... cada dia que passa na vivência bissexual, parece que é um contato a mais com meu eu. Por situações e por autorreconhecimento e cada vez você vai pegando mais a bandeira e você vai abraçando, sabe? (Bil)

A fala de Bil está de acordo com os argumentos de Guimarães (2009) sobre os desafios de tornar-se quem se é em seu estudo voltado às homossexualidades (mas que pode ser adaptado para as identidades bissexuais), levando em consideração os impactos negativos decorrentes do desrespeito e da pouca efetivação dos direitos destes sujeitos:

Com a maioria dos seus direitos desrespeitados e outra grande parte fingidos que estão sendo cumpridos, os homossexuais precisam saber de que lugar ele está falando e quais os discursos produzidos ao seu respeito, e com isso ter a consciência de quem se é para o que se quer ser, para a partir daí poder reclamar seus direitos e trilhar um caminho em que os discursos reproduzidos serão aqueles que o identificarão com seres humanos que tem que ser respeitados. Esta é uma das importâncias das identidades: nos garantir posição, vez e voz para exigirmos o que já se é de direito (Guimarães, 2009, pp. 560)

Guimarães (2009) discorre sobre o processo de construção das identidades sexuais ao considerar a importância do reconhecimento de si (e as expectativas que isso envolve) e o contexto sócio-histórico e seus reflexos na subjetividade. Consoante a essa ideia, Billy falou sobre seu processo de reconhecimento da identidade bissexual e comentou de que maneira isso afetou seu autoconhecimento além da sexualidade:

Eu acho que é uma vivência muito mais de entender a liberdade, sabe? De você entender que você... está tudo bem você gostar de ficar com pessoas, sabe? E eu acho que esse processo, ele vai levando sempre ao processo de liberdade, sabe? Vem muito do autoconhecimento e eu acho que depois que você consegue se entender bissexual e ter essa declaração, assim, aí vem mais autoconhecimento ainda, sabe? Porque você

começa a liberar e entender outras coisas dentro de você que você reprimia também. (Billy)

Para além da liberdade de si, a maioria dos participantes relatou que um dos aspectos mais positivos da bissexualidade consistiu na liberdade voltada às relações que não se limitam às questões e normas tradicionalistas (portanto, binarista) de gênero, como Bianco que disse: “a gente tem o privilégio de amar todas as pessoas sem se importar com o gênero dela, sabe? Você é muito mais aberto a se apaixonar, a ter uma relação sem se preocupar real com o gênero da pessoa”. Congruente a esse argumento, Biara relatou sobre a liberdade dos desejos: “pontos positivos da bissexualidade eu sinto que é... deixar fluir os meus desejos e as minhas vontades, eu sinto que isso não é tão barrado”.

Guimarães (2009) apoiado em Michel Foucault e suas proposições sobre a manutenção das regras e das normas relativas à sexualidade, explicita que o sujeito faz o que lhe é possível condicionado às posições que ocupa em determinado tempo-espço, pois está subordinado a uma ordem disciplinar que lhe anterior. Isto posto, os discursos dos participantes agregam à discussão o fato de que a bissexualidade desafia as regras e normas impostas sobre pelo dispositivo da sexualidade, como argumentou Bibi:

Pessoas que são bissexuais têm uma abertura maior ao mundo, a explorar o mundo mesmo, a gente (bissexuais) está disposto a fazer muita coisa, a conhecer muita gente, tem encontros mais potentes, eu acho, talvez. Então, não ficar numa caixinha, mesmo, de possibilidade. (Bibi)

A fala de Bibi é congruente à de Bianca que relatou:

Que bom que eu consigo aproveitar tudo o que eu gosto, sabe, que eu me permito, eu acho que é uma liberdade muito grande, é... que eu consigo experimentar a partir do meu próprio desejo, né, e de não ter que ficar, sei lá, se enfiando numa caixinha ou se limitando de alguma forma. (Bianca)

A partir destes trechos de respostas dos participantes é possível identificar o aspecto desafiador que a bissexualidade provoca em relação aos conceitos de sexo/gênero (BUTLER, 2003). Assim como os demais participantes citados, Bia discorreu sobre a possibilidade de uma maior conexão com as pessoas de maneira geral quando falou que: “é muito poder viver relações independentes de gênero, né? Então, a gente pode se conectar com pessoas”. Nesse sentido, a bissexualidade pode ser compreendida como uma identidade que busca romper com as normatizações monossexistas:

Não podemos esquecer o que Foucault (1996) chamou de dispositivo da sexualidade, pelo qual a sexualidade seria produzida e regida, assim como o sexo, e disciplinada. O dispositivo da sexualidade produziu prescrição de normas e regras para o funcionamento do sexo, e continua interferindo na constituição das identidades sexuais dos sujeitos (Guimarães, 2009, p. 561).

Categoria 4: os estereótipos

Um tema que apareceu com força nos relatos dos participantes foi o incômodo dos bissexuais em relação à possibilidade de “mensuração” dos seus interesses e predileções, muitas vezes atrelado à necessidade de que o desejo e a atração sexual sejam os mesmos em relação a todos os gêneros (KLIDZIO, 2019). Se as “identidades e orientações sexuais possuem fluidez e são construídas ao longo da vida dos sujeitos” (KLIDZIO; SIQUEIRA, 2022, p. 340), isso significa que a bissexualidade também deve ser compreendida como um regime (polissêmico) discursivo e experiencial, ou seja, como uma relação de poder e não apenas como um traço identitário fixo, o que reposiciona esses sujeitos nas relações de poder (CALMON, 2023; MONACO; SALDANHA; KLIDZIO, 2024).

Dessa forma, considerando que a sexualidade é interpelada por uma construção social, é difícil afirmar que os desejos não são mutáveis ao longo da vida ou mesmo para um sujeito específico. Além disso, a existência de preferências por um gênero ou outro não faz de alguém “menos” ou “mais” bissexual (KLIDZIO, 2019). O relato de Bil ilustrou essa ideia:

Por eu ser bi, não necessariamente eu preciso ter um espectro ou uma escala de interesse, sabe? Então, eu me interessou 50% por homens e 50% por mulheres, nem sempre... (a bissexualidade) possui fases fluidas. Então... tipo assim, existem fases da minha vida que eu estou muito mais interessado por homens, existem fases da minha vida que eu estou muito interessado por mulheres, existem fases que isso tá muito junto, assim. (Bil)

Em relação à problemática da mensuração, Bibi relatou que: “Isso de ficar tentando mensurar também: ‘ah, eu gosto 30% de mulher e 70% de homem’ que eu vejo algumas pessoas fazendo na internet. Eu não gosto muito, porque eu acho que não dá pra mensurar essas coisas também”.

A fala está de acordo com o que Biara respondeu: “E ter aquele estereótipo de 50% a 50%, que as pessoas têm muito isso e que eu não vejo a bissexualidade como uma porcentagem”.

Os relatos são consoantes com os de Klidzio e Siqueira (2022) que discutem sobre a dificuldade de se mensurar preferências sexuais com base em escalas e porcentagens. A maioria dos participantes apontou o desconforto gerado pela mensuração dos interesses alegando não ser possível que delimitações em relação aos gêneros ocorram, e alguns disseram até que tais interesses são fluidos de acordo com diferentes momentos da vida – argumento consoante com os de Calmon (2023).

Almeida e Carvalho (2021) e Lucchesi (2018) criticam a Escala Kinsey (escala de orientação sexual que situa os respondentes desde “exclusivamente heterossexual” até “exclusivamente homossexual”) que objetivava demonstrar que as sexualidades são fluidas, porém mensuráveis, pois esse tipo de mensuração descredibiliza a bissexualidade como uma orientação sexual própria e específica. Um excerto emblemático deste argumento é que “as pessoas bissexuais

podem sim preferir homens, ou mulheres, e isso se alterar ao longo de sua trajetória, mas tal fato não serve de medidor ou divisor para a orientação, é apenas uma questão comportamental individual” (LUCCHESI, 2018, p.13).

Apesar da indecisão aparecer naturalmente no cotidiano dos sujeitos é importante destacar que as pessoas autodeclaradas bissexuais não se identificam dessa maneira devido à essa confusão, como

comumente argumenta o senso comum monossexual (LUCHESSI, 2018). O binarismo heterossexual/homossexual invoca a necessidade dos sujeitos de decidirem se desenvolverão relações com pessoas do mesmo gênero ou do gênero oposto, colocando a bissexualidade no lugar de “limbo”, reforçando seu apagamento (KLIDZIO; SIQUEIRA, 2022).

Os trechos das entrevistas a seguir indicam o desconforto de os participantes vivenciarem o apagamento de suas sexualidades por meio de um discurso que procura direcionar suas preferências a fim de os colocarem dentro dos esquemas da hetero ou da homossexualidade (monossexualidade): “muitas vezes eu acho que, para as pessoas, eu acho que é mais difícil entender a bissexualidade do que a homossexualidade. Então essa coisa de ‘ai, tá namorando uma mulher, mas você não tava com um homem?’” (Bianca); ou “quando estou flertando com uma menina, as pessoas acham que não é sério, que é tipo... nada... que é brincadeira, que é só beijar por beijar” (Bianco); ou “pra mim, que eu estou em um relacionamento hétero, né, é difícil porque as pessoas acham que eu simplesmente não sou bi, que eu não gosto, que era só fase, eu estou falando da boca pra fora” (Bibi); ou “Como bi, eu namorei dois homens. E eu passei por algumas situações que anulavam sim a bissexualidade por eu estar namorando um homem. E eu continuo sendo bi, sabe?” (Bil); e:

Eu acho que existem esses estereótipos, né, de que é uma pessoa indecisa, que não sabe o que tá fazendo, que é só uma fase... eu acho que é um pouco do que falei, né, sobre ‘ah é uma fase pra se entender lésbica’, ou então... não...’não conseguiu se relacionar de uma forma boa com um homem e foi ficar com mulheres por conta disso’... Acho que me vem esse tipo de preconceito, se eu penso em desafios. (Bianca)

É uma coisa que incomoda um pouco não encararem a bissexualidade, não verem a bissexualidade como alguma coisa que existe. É... sempre tipo... e pessoas próximas assim, em algumas brincadeiras, e falam tipo ‘ah, mas você nem gosta de mulher’ e eu fico incomodado, sabe? Por mais que eu não fale mais, porque eu já cansei de ficar falando ‘ah, não, eu sou bissexual’. (Bianco)

Os trechos anteriores ilustram o incômodo em relação aos discursos monossexistas pelos quais os participantes são perpassados ao longo da sua vivência como pessoas bissexuais. A invisibilidade, a descredibilização e o discurso de confusão atribuídos aos bissexuais são estereótipos comentados pelos participantes como os mais presentes e que geram algum tipo de desconforto. O tom acusatório que piadas referentes à ambiguidade e à indefinição quanto à orientação sexual remetem a uma narrativa de que sujeitos autodeclarados bissexuais são incompletos, incapazes de falar de amor ou de manter relações afetivas e sexuais estáveis (CAVALCANTI, 2007).

Lewis (2017) observa que mesmo dentro dos movimentos heterodissidentes a matriz homonormativa e monossexual (expectativa de que as pessoas devem desejar sexual e afetivamente apenas sujeitos de mesmo gênero, tratando-se, portanto, de uma performance – BUTLER, 2003) alimenta um sistema de restrições que marginaliza aqueles que não se enquadram nessa definição. De acordo com a autora: “o binário heterossexual/homossexual é reforçado e pessoas que se identificam como bissexuais são excluídas.” (LEWIS, 2017, p.4).

A afirmação anterior vai de acordo com algumas respostas dos participantes sobre o distanciamento que sentem dentro da própria comunidade heterodissidente e monodissidente. Bia explicitou que:

A gente vive isso (descredibilização) até dentro do meio LGBT, né? Então... sei lá, até na própria comunidade a gente... a gente vive, né, esse pré-conceito mesmo né? De... ‘somos confusos e não sabemos o que queremos da vida’ e, enfim... ‘cada hora tá com um’ e ‘somos promíscuos’. (Bia)

Já a fala de Bia destacou a falta de reconhecimento da comunidade LGBTQIAPN+, principalmente por parte dos gays e das lésbicas, diante

das angústias e sofrimentos dos bissexuais. Lucchesi (2018) aponta que há uma alegação por parte das comunidades gays e lésbicas de que pessoas bissexuais podem usufruir do privilégio de “performar” (no sentido proposto por BUTLER, 2003) a heterossexualidade e, dessa maneira, a homofobia se faria presente somente quando se relacionam

com sujeitos de mesmo gênero e, sugerindo que os bissexuais seriam menos vítimas de violências. Uma das participantes disse:

Por mais que eu sempre tive amigos da comunidade LGBTQIA+, eles eram gays ou lésbicas, né, e... e eu sempre senti que eu não era gay o suficiente para discutir a minha situação em relação a isso. Então não sinto que eu tive rede de apoio. (Biana)

Outro aspecto relatado nesse contexto que contribui para o estabelecimento e replicação de estereótipos dentro da comunidade LGBTQIAPN+ seria a alegação por parte de lésbicas e gays de que os bissexuais assim se autodeclararam até (finalmente) se identificarem como homossexuais. Em outras palavras, a bissexualidade não seria uma identidade verdadeira, mas um momento de “transição”. Esse argumento pode ser compreendido como uma das consequências da forte presença do regime monossexual para os heterodissidentes (KLIDZIO; SIQUEIRA, 2022).

Contudo, não se pode afirmar que todas as pessoas que se identificam como bissexuais têm como objetivo final o (auto) reconhecimento ou a descoberta de uma homossexualidade. Bianca ilustrou esse apontamento em uma de suas falas:

E também eu acho que existe algo dentro da comunidade LGBT que mulheres lésbicas muitas vezes passam por um processo em que entendem a bissexualidade como uma ponte para chegarem até o momento que elas conseguem se entender e assumir lésbicas. Então eu acho que tem esse outro lado também de ouvir muitas histórias, talvez as pessoas fazerem comentários nesse sentido. (Bianca)

A resposta de Bianca está alinhada com o que destacou Klidzio (2019) sobre o efeito da heterossexualidade compulsória nas relações de muitas mulheres lésbicas que, após passarem por relacionamentos heterossexuais, afirmam ser bissexuais em um primeiro momento para, posteriormente, se reconhecerem lésbicas, reforçando o estereótipo de “fase” à bissexualidade. O importante é reconhecer os potenciais efeitos (perniciosos) deste argumento para os bissexuais.

Considerações finais

As entrevistas evidenciaram que as vivências das pessoas bissexuais apesar de coincidentes em alguns aspectos diferem em relação ao processo de descoberta, à prática da sexualidade e à afirmação da identidade. Apesar de os participantes relatarem estereótipos atribuídos a essa identidade (sofrimentos, preconceitos, descridibilidades e incompreensões), eles também destacaram aspectos positivos vivenciados por bissexuais (sensação de liberdade pessoal em suas relações). Ademais, em relação ao processo de descoberta da bissexualidade, destaca-se que todos os participantes eram jovens e universitários, momento que permite ampliação da rede de contatos que tendem a ter representações sobre a sexualidade e a identidade menos estigmatizantes. Também foram relatadas nas respostas dos participantes a importância da rede de apoio (amigos) no momento de “descoberta” e da revelação pública da bissexualidade.

Os relatos dos participantes que ultrapassam os estereótipos e destacam os aspectos positivos da identidade bissexual (situando-os como atores das suas experiências e não como simples vítimas da heterossexualidade compulsória e da monossexualidade) e o fato de metade da amostra ser composta por homens bissexuais (geralmente negligenciados em estudos sobre as bissexualidades) são elementos de destaque desta pesquisa. Contudo, um dos principais limites desta investigação foi não ter aprofundado na análise das informações e dos relatos as intersecções de raça/etnia, classe social ou renda individual e familiar nas experiências de *outness* e *coming out* dos participantes.

Por fim, ressalta-se a importância de realização de mais estudos voltados às bissexualidades a fim de melhor responder as demandas, necessidades e desejos dessas comunidades, identidades e experiências monodissidentes.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Nova York: Routledge, 2003.

CALMON, Diego. Bissexualidade e ambiguidade: relações metafóricas e processos metonímicos em produções discursivas sobre a bissexualidade. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, n. 68, p. e236810. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202300680010>. Acesso em: 05 jan. 2026.

CARDOSO, Fernando Luiz. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Revista Interamericana de Psicologia**, Porto Alegre/RS, v. 42, n. 1, p. 69-79, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000100008. Acesso em: 11 ago. 2023.

CARNEIRO, Claudia Aparecida. **Sobre as origens e os destinos da bissexualidade psíquica na constituição do sujeito**. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24776/1/2017_Cl%C3%A1udiaAparecidaCarneiro.pdf. Acesso em: 18 fev. 2020.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ALMEIDA, Edson Leandro de. Educação para a sexualidade a partir da biologia. **Diversidade e Educação**, Rio Grande/RS, v. 9, n. 1, p. 93-123, 30 jul. 2021. Lepidus Tecnologia. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14295/de.v9i1.13052>. Acesso em: 22 mai. 2022.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. **Análise de conteúdo**: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. 2014. Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/An%C3%A1lise%20de>. Acesso em: 31 mar. 2021.

CAVALCANTI, Camila Dias. **Visíveis e invisíveis**: práticas e identidade bissexual. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9574/1/arquivo9196_1.pdf. Acesso em: 17 mar. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Estabelece normas de atuação para profissionais da psicologia em relação às bissexualidades e

demais orientações não monossexuais. **Resolução n.8, de 17 de maio de 2022.** Brasília/DF. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-8-de-17-de-maio-de-2022-401069557>. Acesso em: 05 jun. 2023.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro/RJ, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2008000100003>. Acesso em: 11 set. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo/SP, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOOß, Ulrich. Concepts of Bisexuality. **Journal Of Bisexuality**, Londres/Inglaterra, v. 8, n. 1-2, p. 9-23, set. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/15299710802142127>. Acesso em: 11 set. 2022.

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto/SP, v. 17, n. 2, p. 553-567, abr. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751434023.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2020.

JAEGER, Melissa Bittencourt; LONGHINI, Geni Nuñez; OLIVEIRA, João Manuel de; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Revista Periódicus**, Salvador/BA, v. 2, n. 11, p. 1-16, 29 nov. 2019. Universidade Federal da Bahia. <http://dx.doi.org/10.9771/peri.v2i11.28011>. Acesso em: 03 jun. 2020.

JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Angela Mattar. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e

promoção de resiliência. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo/SP, v. 17, n. 3, p. 135-154, set. 2014. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-753x2014000300009>. Acesso em: 17 out. 2021.

KLIDZIO, Danieli; SIQUEIRA, Monalisa Dias de. A bissexualidade e a pansexualidade enquanto identidades: invisibilidade e estereótipos. In: **Desafios emergentes: antropologias desde América Latina y el Caribe**. Rosario/Argentina: Ala, 2022. v. 3, p. 335-346. Disponível em: https://asociacionlatinoamericanadeantropologia.net/portal/wp-content/uploads/2022/04/ALA_ACTAS_DEL. Acesso em: 11 ago. 2023.

LEWIS, Elizabeth Sara. O ciclo paradoxal de apagamento e super-sexualização da bissexualidade nos movimentos LGBT: resistências em narrativas de ativistas bissexuais. **Anais do Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, Salvador/BA, v. 1, n. 1, p. 1-12, set. 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EVO72_MD1_SA25_ID669_19062017235202.pdf. Acesso em: 11 ago. 2023.

LUCCHESI, Yasmin. **Bi: um olhar sobre os entraves enfrentados pela comunidade bissexual na contemporaneidade**. 2018. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Produção Cultural, A Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2018.

MONACO, Helena; SALDANHA, Inácio; KLIDZIO, Danieli. Bissexualidade em foco: diferentes cenários, política e produção de conhecimento. **Temáticas**, Campinas/SP, v. 32, n. 64, p. 6-16, 2024. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/20059/14501>. Acesso em: 6 jan. 2026.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino. **A perspectiva familiar diante da revelação da orientação homossexual de jovens adultos**. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba/MG, 2018. Disponível em: <http://bdtd.uftm.edu.br/handle/tede/547>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo/SP, v. 4, n. 29, p. 318-325, ago. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rsp/1995.v29n4/318-325/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SALDANHA, Inácio dos Santos. Monossexualidade em debate: classificações e genealogias possíveis. **Temáticas**, Campinas/SP, v. 32,

n. 64, p. 17-54, 2024. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/18636/14486>. Acesso em: 6 jan. 2026.

SALDANHA, Inácio dos Santos; MONACO, Helena Motta; CRUZ, Beatriz Fragoso. Bissexualidade, ativismo e produção de saberes: notas introdutórias sobre os estudos e movimentos bissexuais. **Revista Anômalas**, Catalão/GO, v.2, n.2, p. 139-159, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/ra/article/view/74540/39029>. Acesso em: 05 jan. 2026.

SIQUEIRA, Aline Cardoso; BETTS, Mariana Kraemer; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. A Rede de Apoio Social e Afetivo de Adolescentes Institucionalizados no Sul do Brasil. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal Of Psychology**, Porto Alegre/RS, v. 40, n. 2, p. 149-158, jan. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/284/28440202.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SIQUEIRA, Monalisa Dias de; KLIDZIO, Danieli. Bissexualidade e pansexualidade: identidades monodissidentes no contexto interiorano do rio grande do sul. **Revista Debates Insubmissos**, Recife/PE, v. 3, n. 9, p. 186, 28 jul. 2020. <http://dx.doi.org/10.32359/debin2020.v3.n9.p186-217>. Acesso em: 11 mai. 2023.

SOUZA, Eloisio Moulin de; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo/SP, v. 14, n. 4, p. 76-105, ago. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-69712013000400004>. Acesso em: 17 set. 2023.

Outness and coming out by young bisexuals

ABSTRACT: Bisexuality is a sexual orientation that designates people who feel emotional, affective, or sexual attraction towards more than one gender. Bisexual people face discrimination and violence just like other sexual orientations deviated from heteronormativity and monosexism. The objective of this study was to understand the meanings and consequences of outness and coming out for young bisexuals. Eight people were interviewed between January and June 2023, and the results were organized into four thematic axes: the term; discovery and support network; freedom; and stereotypes. The main results highlighted positive aspects experienced by bisexuals (a sense of personal freedom and in interpersonal relationships) and suffering (invisibility, stereotypes of phase, confusion, and disbelief). Regarding the discovery process, the participants were in university contexts (space that allows for the expansion of friendship networks that can offer support in this process) while there is a certain distancing from the family of origin. The importance of further studies in the field of social psychology focused on this topic is highlighted.

KEYWORDS: Bisexuality. Outness. Coming out. Young people.

Significados que los jóvenes bisexuales atribuyen a la salida del armario y al revelación de la homosexualidad

RESUMEN: La bisexualidad es una orientación sexual que designa a las personas que sienten atracción emocional, afectiva o sexual hacia más de un género. Las personas bisexuales se enfrentan a la discriminación y la violencia, al igual que otras orientaciones sexuales que se desvían de la heteronormatividad y el monosexismo. El objetivo de este estudio fue comprender los significados y las consecuencias de lo *outness* y de lo *coming out* de jóvenes bisexuales. Se entrevistó a ocho personas entre enero y junio de 2023 y los resultados se organizaron en cuatro ejes temáticos: el término; descubrimiento y redes de apoyo; libertad; y estereotipos. Los principales resultados destacaron los aspectos positivos (sensación de libertad personal y en las relaciones interpersonales) y el sufrimiento (invisibilidad, estereotipos de fase, confusión e incredulidad)

que experimentan las personas bisexuales. Cabe destacar que los participantes se encontraban en contextos universitários (espacio que permite la expansión de redes de amistad que pueden ofrecer apoyo en este processo y un cierto distanciamiento de la familia de origen). Se destaca la importancia de realizar más estudios en el campo de la psicología social centrados en este tema.

PALABRAS-CLAVE: *Bisexualidad. Outness. Coming out. Jóvenes.*

Rafael DE TILIO,
Doutor em Ciências - Área: Psicologia. Docente do Departamento de Psicologia e do Programa em Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, onde é líder do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Sexualidades e Gêneros.

<https://orcid.org/0000-0002-4240-9707>

Maria Clara ZANON MURAROLLI,
Psicóloga. Pesquisadora associado do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Sexualidades e Gêneros da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

*Recebido em: 03/09/2025
Aprovado em: 04/04/2026*